

NOME: Diogo de Lima e Calazans

UNIVERSIDADE: Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP

TÍTULO: A alquimia como fundamentação da prática clínica junguiana

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, historiadores da psicologia como Sonu Shamdasani, J. S. McGrath e Matt Ffytche vem ampliando os horizontes na área da história da psicologia moderna, ao relacioná-la ao contexto científico, cultural e político, mais amplo, do século XIX. A partir desta nova historiografia as origens das ideias de importantes psicólogos como Sigmund Freud (1856–1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961) vem sendo reavaliadas. Sob essa nova perspectiva, autores vêm ressaltando a influência de antigas formas de ciência como a alquimia, a magia natural e a antiga visão de mundo renascentista nas origens da psicologia moderna. Essa tendência historiográfica na história da psicologia ocorre em paralelo aos estudos em história da ciência que vem, cada vez mais, se caracterizando pela assimilação de vieses alquímicos, herméticos e mágicos na formação da ciência moderna. Embora a alquimia e a visão mágico-vitalista renascentista tenham deixado, praticamente, de existir no século XVIII, em substituição a uma visão mecanicista-racional, elas continuaram a ser estudadas por gerações de filósofos, artistas e cientistas em épocas posteriores, dentro de um contexto científico e cultural muito diferente do que o seu de origem. Personalidades como F. W. J. Schelling (1775 —1854), G. W. F. Hegel (1770 – 1831) e J. W. G. Goethe (1749 — 1832), que tiveram grande influência sobre a obra de alguns dos psicólogos do final do século XIX, tiveram suas ideias tingidas pelo pensamento alquímico. Ainda, a alquimia foi tema de debate entre grupos de químicos e círculos esotéricos da época. Além da influência indireta que algumas das temáticas alquímicas tiveram sobre a formação da psicologia, muitos psicólogos neste período entraram em contato direto com livros sobre o tema. Dentre os psicólogos a relacionarem diretamente o estudo da alquimia a psicologia estão os nomes de Thèodore Flournoy (1854-1920), Herbert Silberer (1882 – 1923) e Carl Gustav Jung (1875-1961). Mas ainda hoje, é na obra de C. G. Jung – o fundador da psicologia analítica - que encontraremos uma relação mais significativa entre processos psicológicos, a alquimia e

a tessitura de universo renascentista. Embora C. G. Jung tenha feito inicialmente o uso dos simbolismos alquímicos para a interpretação de sonhos de seus pacientes, a teoria da alquimia acabou por se tornar tão importante em sua abordagem psicológica, que foi fundamental para a formulação de conceitos como o *Self*, processo de individuação, sincronicidade e inconsciente coletivo. Por fim, C. G. Jung acabou por considerar a alquimia como sendo a principal base histórica de sua psicologia. O psicólogo comenta que teria sido a partir de 1929, através do contato com o texto de alquimia chinesa “O Segredo da Flor de Ouro” que teria se interessado, de fato, pelo tema. A partir deste período, dedicaria mais de quinze anos de sua vida ao estudo dos temas centrais da alquimia europeia. Ao longo destes anos ele escreveu diversos livros e proferiu muitas palestras sobre o tema. Além das contribuições da alquimia para a estruturação da psicologia analítica, C. G. Jung também buscou, através de sua psicologia, fundamentar a origem das alegorias alquímicas assim como a sua teoria. O trabalho do psicólogo, ainda hoje é lembrado, devido a sua fundamental importância na revitalização do interesse popular e acadêmico pela alquimia.

2. A ALQUIMIA NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

No decorrer do século XX observamos renascer em diversos campos do conhecimento um sincero interesse nas técnicas e na simbologia relacionada às antigas práticas alquímicas. Dentro do campo da história da ciência destacaram-se trabalhos, que ao longo do tempo, imprimiram diferentes abordagens sobre o tema. A alquimia já foi interpretada como charlatanismo, como uma prática meramente espiritual, como sendo um estágio embrionário da química, e mais recentemente, como um sistema filosófico abrangendo tanto os aspectos operatórios como espirituais¹. Embora o interesse pela alquimia esteja em alta nos maiores departamentos de história do mundo, ainda é muito

¹ Para alquimia vista como uma prática espiritual consultar *A Suggestive Inquiry into the Hermetic Mystery* (1918) de Mary Anne Atwood e *Remarks upon Alchemy and the Alchemists* (1857) de Ethan Allen Hitchcock. Para a alquimia vista como um estágio embrionário da química consultar *Los Alquimistas: Fundadores de la Química Moderna* (1949) de F. Sherwood Taylor e *The Origins of Chemistry* de R. P. Multhalf. Para uma abordagem atual sobre a alquimia consultar *Imagens de Magia e de Ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão* (2000) de Maria H. Roxo Beltran e *Da Alquimia a Química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo* (2009) de Ana M. Alfonso-Goldfarb.

comum nos depararmos com acadêmicos que consideram esta antiga ciência como o fruto de antigas superstições, sendo muitas vezes taxada como uma espécie de “pseudociência”. Historiadores como Walter Pagel (1898-1983), Allen Debus (1926-2009), Betty Jo T. Dobbs (1930-1994) e Ana Maria Alfonso-Goldfarb vem chamando a atenção para o importante papel de aspectos da alquimia, do hermetismo e outros temas relacionados a ciência renascentista na formação da ciência moderna². Além disso, estes pesquisadores têm enfatizado a necessidade de estudarmos a alquimia a partir do seu próprio contexto cultural, social e político. Somando-se a estes trabalhos, pesquisadores como J. S McGrath, Matt Ffychte e Sandra Arruda Grostein, vem associando ao surgimento da moderna psicologia do inconsciente aspectos da alquimia e da ciência renascentista³.

3. A ALQUIMIA NO SÉCULO XIX

Embora a antiga concepção de mundo mágico-vitalista e a visão de cosmos unificado tenham perdido espaço dentro dos principais debates científicos do século XIX, não foram poucos os estudiosos que, neste período, entraram em contato com a teoria e o simbolismo alquímico, assim como com aspectos da ciência e visão de mundo renascentista. Apesar de muitos livros sobre a história da ciência sobre o período não retratem a influência destes temas na cultura e ciência da época, a verdade é que aspectos da alquimia atravessaram todo o século XIX através do trabalho de diversos autores em diferentes áreas do conhecimento. Encontramos referências ao simbolismo alquímico, por exemplo, no trabalho de artistas românticos como Samuel Taylor Coleridge (1772 - 1834), John Keats (1795 -1821), Mary Shelley (1797 — 1851), Perry Shelley (1792-1822),

² Para maiores informações sobre esta perspectiva da alquimia consultar “*Paracelsus*” (1986) de Walter Pagel, “The Significance of the History of Early Chemistry” (1965) de Allen G. Debus, *The Foundations of Newton’s Alchemy* (1992) Betty Jo T. Dobbs, *O que é História da Ciência* (2001) de Ana Maria Alfonso Goldfarb.

³ Para maiores informações sobre esta nova abordagem em história da psicologia consultar *A Origem do Inconsciente: de Schelling a Freud: o nascimento da psique moderna* (2014) de Matt Ffytche, *The Dark Ground of the Spirit: Schelling and the Uncounscious* (2012) de J. S. McGrath e *Da Magia em Lacan* (2015) de Sandra Arruda Grostein.

Henry David Thoreau (1817 - 1862), Edgar Allan Poe (1809 — 1849)⁴. Além disso, a alquimia, o hermetismo e misticismo renascentista também marcaram as obras de importantes filósofos românticos como G. W. F. Hegel (1770–1831) e F. W. J. Schelling (1775—1854). Em *The Dark Ground of the Unconscious*, J. S. McGrath demonstra o importante papel das ideias do alquimista Jacob Böehme (1575-1624) na formação do conceito de inconsciente de Schelling, que, posteriormente, influenciaria os modelos de inconsciente de Sigmund Freud (1856-1939), Carl Gustav Jung e Jacques Lacan (1901-1981)⁵. Hegel também foi influenciado de várias formas pelo sistema de pensamento de Böehme e pela filosofia hermética⁶. Além de constar nos trabalhos de filósofos e artistas românticos, a alquimia no século XIX também fez parte de outros importantes debates. Os estudos sobre o simbolismo alquímico estiveram muito presentes em uma série de grupos esotéricos⁷. Maçons, teosofistas, e espiritualistas encontraram no simbolismo alquímico algum tipo de fundamentação para muitas de suas ideias. Além do uso de aspectos da alquimia por parte destes grupos esotéricos, muitos autores deste período interpretaram o processo alquímico como sendo um processo psíquico-espiritual⁸. Encontramos essa abordagem nos trabalhos de Mary Anne Atwood (1817–1910), Ethan Allen Hitchcock (1798 – 1870) e Arthur Edward Waite (1857-1942)⁹. A interpretação espiritualista da alquimia acabou por tornar-se muito difundida, tendo influenciado inclusive a leitura que psicólogos faziam do *opus*. No final do século XIX e início do século XX, alguns psicólogos também fizeram o uso de aspectos da alquimia tendo em vista debates sobre a psicologia. Dentre eles o médico e professor de filosofia e psicologia Thèodore Flournoy (1854-1920), o psicanalista Herbert Silberer (1882-1923) e Jung¹⁰. Dentre eles, ainda hoje, é o trabalho de Jung que é lembrado e associado ao estudo da teoria e simbolismo alquímico. Apesar desta associação convém assinalar que

⁴ Elizabeth Olsen Brocious *Transcendental Excehange* (2008)

⁵ McGrath, *The Dark Ground of the Spirit*.

⁶ Elizabeth Olsen Brocious *Transcendental Excehange* (2008).

⁷ Para mais informações sobre como a alquimia foi assimilada por grupos esotéricos consultar “Some Problems with Historiography of Alchemy” (2001) de Lawrence M. Principe e William R. Newman.

⁸ Muitos autores espiritualistas do século XIX interpretaram o simbolismo alquímico, assim como as referências às práticas de laboratório e as substâncias, como metáforas para processos psicológicos.

⁹ Para maiores informações sobre estes autores consultar “Some Problems with Historiography of Alchemy” (2001) de Lawrence M. Principe e William R. Newman.

¹⁰ Sonu Shamdasani, preâmbulo para o *Livro Vermelho*.

o primeiro livro a relacionar a psicologia do inconsciente a alquimia foi escrito por Silberer, em 1914¹¹. Nesta obra, o psicanalista buscou correlacionar o método de investigação da psicanálise com a literatura da alquimia, assim como com outras antigas tradições como a arte hermética, a Maçonaria e o Movimento Rosacruz. Observamos neste estudo que o grande interesse de Silberer pelo simbolismo alquímico estava relacionado a discussões sobre o significado dos sonhos. Além de todos estes debates, é importante destacar que a alquimia também foi estudada por historiadores ao longo de todo o século XIX.

4. A ALQUIMIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

O historiador da psicologia Sonu Shamdasani (2010) refere-se aos primeiros contatos de Jung com textos alquímicos a partir de 1912: “Em 1912, Théodore Flournoy apresentara uma interpretação psicológica do tema em suas preleções na Universidade de Genebra, e, em 1914, Herbert Silberer publicou uma extensa obra sobre o tema”. Além disso os historiadores da química Lawrence M. Principe e William R. Newman (2001) comentam que os estudos sobre alquimia de Edward Waite (1857-1942) circulavam entre membros do *Zurich Psychological Club* na década de 1910. Embora Jung tenha entrado em contato com a alquimia neste período, ainda levaria mais de 10 anos para que ele realmente se dedicasse ao estudo do tema. Encontramos na biografia *Memórias, Sonhos, Reflexões* o relato de que foi só em 1928, com a tradução do texto chinês *O Segredo da Flor de Ouro*, do sinólogo alemão Richard Wilhelm, que o psicólogo começou a aproximar-se da essência da alquimia, tendo o seu interesse despertado para a vida e a arte dos alquimistas¹². Para compreendermos o significado do *Segredo da Flor de Ouro* na obra de Jung, convém, em primeiro lugar, situar que a leitura do texto chinês coincidiu com um período muito problemático para o trabalho do autor. Desde 1913, o psiquiatra lidava com problemas relacionados ao inconsciente coletivo, para os quais, a psicologia acadêmica não oferecia respostas. Através de *O Segredo da Flor de Ouro*, Jung pode

¹¹ Herber Silberer, *Hidden Symbolism of the Alchemy and the Occult Arts* (1971).

¹² Para mais informações sobre como a alquimia foi assimilada a obra de Jung consultar a biografia *Memórias, Sonhos, Reflexões*.

perceber que, “inconscientemente”, muito de sua prática clínica seguia o “caminho secreto que há milênios preocupara os melhores espíritos do Oriente” (JUNG; WILHELM, 2007, p.28) observando, também, existir um paralelo entre o conteúdo do texto e os processos de desenvolvimento psíquico de seus pacientes. Assim, em 1929, Jung sentiu-se encorajado a publicar novos resultados de suas pesquisas em um livro em parceria com Wilhelm, também, sob o título de *O Segredo da Flor de Ouro*. Nesta obra, o primeiro texto de Jung sobre a alquimia, coube ao psiquiatra fazer um comentário europeu sobre o texto chinês, onde podemos encontrar paralelos significativos entre a filosofia que embasa este tratado de alquimia e a forma como estes elementos foram assimilados em sua teoria do sistema psíquico. De maneira geral, podemos observar que o caminho da superação dos opostos, através da união entre os elementos *yin* e *yang*, foi traduzido pelo psiquiatra como a necessidade de integração entre os aspectos conscientes e inconscientes da psique: “Como já dei a entender, o motivo que me levou a buscar um novo caminho foi o fato de parecer-me insolúvel o problema fundamental do paciente a não ser violentado um dos lados de sua natureza” (JUNG, WILHELM, 2007, p.31). Segundo Sonu Shamdasani (2010), o contato com o texto chinês também proporcionou a primeira discussão sobre o significado das mandalas, que futuramente caracterizaram muitos dos estudos de Jung. Por fim, menciona-se em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, que as pesquisas decorrentes do contato de Jung com *O Segredo da Flor de Ouro*, ainda o possibilitou a formulação de um dos mais importantes conceitos de sua teoria, o arquétipo do *Self*¹³. A partir deste momento, Jung passou a dedicar atenção ao estudo da alquimia europeia, tendo dedicado mais de 15 anos de estudo a esta temática. Segundo Sonu Shamdasani (2010), na década de trinta, a atividade de Jung deslocou-se para o trabalho em seus cadernos de alquimia: “nestes, ele apresentava uma coleção enciclopédica de excertos da literatura alquímica e obras relacionadas, que classificou de acordo com palavras e temas-chave”. Ainda de acordo com o autor, estes cadernos “constituiriam a base de seus escritos sobre Psicologia e Alquimia”. Neste período, Jung entrou em contato com diversos tratados e livros sobre a alquimia, tais como a coletânea *Artis Auriferae Volumina Duo* (1593) e o *Rosarium Philosophorum*. Ao consultarmos suas obras direcionadas ao estudo da alquimia, observamos uma infindável quantidade de citações,

¹³ Para mais informações consultar *Memórias, Sonhos, Reflexões*.

abrangendo numerosas referências a tratados de diversas épocas, assim como percebemos que o psiquiatra dedicou horas de pesquisa a um grande número de estudos elaborados por historiadores da química¹⁴. Segundo um recente levantamento¹⁵, de 1928 a 1940, Jung teria acumulado mais de duzentos textos sobre alquimia, possuindo, dessa forma, uma das mais completas bibliotecas privadas daquele período. O resultado de décadas de pesquisa e a repercussão destes estudos na própria constituição da psicologia analítica podem ser observados nas diferentes obras de Jung a tratar da alquimia. Os primeiros textos a tratar do tema são de 1929, sendo eles o “comentário” ao *Segredo da Flor de Ouro* e “Paracelsus”, o primeiro a fazer referência à alquimia ocidental. Este último trabalho encontra-se atualmente no livro *Estudos Alquímicos*¹⁶. As primeiras exposições substanciais de suas ideias foram apresentadas em duas conferências nos encontros de Eranos¹⁷: a primeira delas em 1935, sob o título de “Símbolos Oníricos do Processo de Individuação”; seguida, em 1936, de “As ideias Religiosas na Alquimia”. Posteriormente, revisadas e enriquecidas com grande quantidade de documentação, essas conferências apareceriam em sua forma final como o livro *Psicologia e Alquimia*. No ano de 1937, foi apresentado o trabalho “As Visões de Zóximo”, também incluído em *Estudos Alquímicos*. No final de 1940, Jung proferiu o seminário “O Processo de Individuação na Alquimia”. Em 1942, ainda em uma das edições dos encontros Eranos, Jung apresentou “O Espírito de Mercúrio”. Em 1944, Jung lançou o livro *Psicologia e Alquimia*, no qual sintetizou e resumizou boa parte dos achados dos últimos anos. Em 1946, foi publicado *Psicologia da Transferência*. Neste livro, o psiquiatra aprofunda os seus estudos e analisa o fenômeno clínico da transferência, a partir de uma série de dez imagens do *Rosarium Philosophorum*. Por fim, em 1955 foi publicado *Misterium Coniunctionis*. Neste último livro de suas obras completas a tratar do tema alquimia, Jung examina com mais profundidade a união dos pares de opostos na alquimia, - tais como *Sol e Luna, Rex e*

¹⁴ Especificamente em *Psicologia e Alquimia*, encontraremos no índice bibliográfico referências às obras de Marcellin Berthelot, Eric John Holmyard, Julius Ruska, Hermann Kopp, Edmund O. Von Lippmann, Richard Reitzenstein, Sherwood F. Taylor, dentre outros.

¹⁵ Levantamento disponível no site E-rara.ch. Este website disponibiliza, em forma digital, o acervo de muitas bibliotecas particulares da Suíça, incluindo a de C. G. Jung.

¹⁶ Lançado em 1978.

¹⁷ Segundo Shamdasani, o encontro anual de Eranos ocorria em Ascona e reunia um grupo de estudiosos internacionais que discutiam temas como história da religião e da cultura, destacando, em particular, as relações entre o Oriente e o Ocidente. Shamdasani, *Jung*, 36.

Regina e Adão e Eva - destacando também o seu significado espiritual e psicológico. O *Misterium Coniunctionis* é considerado por muitos como a obra máxima do psiquiatra¹⁸. A influência da alquimia europeia na obra de Jung pode ser observada, em especial, em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, que reconstrói como o psiquiatra encontrou na alquimia a contraparte “histórica” para muitas de suas experiências interiores e ideias, possibilitando-o estabelecer uma ponte desde o gnosticismo até a moderna psicologia do inconsciente:

Vi logo que a psicologia analítica concordava singularmente com a alquimia. As experiências dos alquimistas eram minhas experiências, e o mundo deles era num certo sentido o meu. Para mim isso foi naturalmente uma descoberta ideal, uma vez que percebi a conexão histórica da psicologia do inconsciente. [...] A possibilidade de comparação com a alquimia, da mesma forma que sua continuidade espiritual, remontando até a gnose, conferia-lhe substância. Estudando os velhos textos, percebi que tudo encontrava o seu lugar: o mundo das imagens, o material empírico que colecionara em minha prática, assim como as conclusões que disso havia tirado. [...] A compreensão do seu caráter típico, que já se esboçara no curso de minhas pesquisas sobre os mitos, se aprofundara. As imagens originais e a essência dos arquétipos passaram a ocupar o centro de minhas pesquisas; tornou-se claro para mim que não poderia existir psicologia, e muito menos psicologia do inconsciente, sem base histórica (JUNG; JAFFE, 1975, p. 181)

O simbolismo alquímico acabou tornando-se para Jung um instrumental fundamental na interpretação de sonhos de seus pacientes¹⁹. Ainda em *Memórias, Sonhos e Reflexões* encontraremos o relato do psicólogo de que também mediante estas mesmas representações, teria compreendido que “o inconsciente é um processo e que as relações do ego com os conteúdos do inconsciente desencadeiam um desenvolvimento ou uma verdadeira metamorfose na psique” (JUNG; JAFFE, 1975, p. 181), chegando ao conceito básico de sua teoria, o processo de individuação. Para Jung, este termo faria referência a tendência subjacente a toda a atividade psíquica de mover-

¹⁸ Silveira, *Jung*, 20.

¹⁹ Para mais informações consultar *Psicologia e Alquimia*.

se para a totalidade e equilíbrio (HOPCKE, 2011, p.75). O processo como um todo, consistiria no resultado da união de fatores psicológicos opostos, expressos na relação entre o complexo individual consciente e o arquétipo do Si-mesmo inconsciente. Dessa forma, por compreender que o aspecto central das concepções alquímicas girava em torno da reconciliação dos opostos, e que os alquimistas com raríssimas exceções, não sabiam que estavam elucidando “estruturas psíquicas”, Jung depreendeu que o *opus* alquímico e o processo de individuação eram fenômenos gêmeos. Dessa forma, a alquimia se tornou uma metáfora para a compreensão dos processos dinâmicos psicológicos:

Como já indica o nome de arte “espagírica”, escolhido por ela mesma, ou a divisa repetida freqüentemente “solve et coagula” (dissolve e coagula), vê o alquimista que a essência de sua arte consiste na separação e na solução, bem como na composição e na solidificação. De uma parte considera ele o estado inicial, em que tendências e forças opostas estão em luta entre si, e de outra parte pesquisa ele o processo pelo qual seja possível reconduzir novamente à unidade os elementos e as propriedades inimigos que estão separados. Nesta tarefa não se encontra simplesmente dado o estado inicial, chamado de caos, mas deveria ser procurado como matéria prima. Assim como o início da tarefa não era dado naturalmente por si mesmo, muito menos ainda era o do estado final. [...] A analogia manifesta dessa problemática dos opostos é formada no campo psíquico pela dissociação da personalidade em consequência de tendências incompatíveis, que provém normalmente de disposições psíquicas. [...] A terapia põe os opostos em confronto um com o outro e visa a união estável deles. As imagens da meta a atingir, que se manifestam nos sonhos, correm muitas vezes paralelamente aos símbolos alquímicos correspondentes. Do mesmo modo, referências ou representações da totalidade, respectivamente do “si-mesmo” [...], as quais não são raras em sonhos, também ocorrem na alquimia e constituem aí os muitos sinônimos, do lapis philosophorum (pedra filosofal) o qual por seu turno foi colocado pelos alquimistas em paralelo com Cristo (JUNG, 2008, prefácio)

No segundo volume de *A vida Simbólica* encontraremos uma descrição, na qual Jung estabelece os paralelos entre o processo de individuação e o *opus* alquímico:

O principal símbolo da substância que se transforma no processo é *Mercúrio*. A imagem que os textos dele fazem concorda no essencial com as propriedades do inconsciente. [...] No começo do processo, Mercúrio encontra-se em *massa confusa*, no caos e no

nigredo (escuridão). Neste estado os elementos se combatem mutuamente. Mercúrio desempenha aqui o papel da *prima materia*, a substância transformadora propriamente dita. [...] Com isso descreve um estado escuro (“inconsciente”) do adepto ou o estado do conteúdo psíquico. Os procedimentos da próxima fase visam à iluminação da escuridão por meio da *união dos elementos*. Disso surge a *albedo* (brancura), comparado ao nascer do sol ou à lua cheia. [...] À brancura segue-se o vermelho (rubedo). Através da *coniugium, matrimonium* ou *coniunctio*, a lua é unida ao sol, a prata ao ouro e o feminino ao masculino. [...] O desenvolvimento da *prima materia* até o *rubedo* (*lapis rubeus, carbunculus, tinctura rubra, sanguis spiritualis sive draconis*) descreve a conscientização (*iluminatio*) de um estado inconsciente de conflito que de agora em diante é ordenado na consciência, devendo ser jogado fora a escória imprestável (*terra damnata*). O corpo branco é comparado ao *corpus glorificationis* e colocado em paralelo com a *ecclesia (sponsa)*. O caráter feminino do *lapis albus* corresponde ao do inconsciente, simbolizado pela lua. A “luz” da consciência corresponde ao sol. (JUNG, 2007, p.335 § 1701)

Dessa forma, segundo Pieri, Jung estabelece dois importantes paralelos entre a psicologia analítica e a alquimia:

Entende a transformação alquímica como emblema da transformação psicológica, e considera a obra alquímica dirigida à “pedra filosofal”, através do reconhecimento e do uso da “pedra dos filósofos”, como o modelo do processo de individuação dirigido a busca do Si – mesmo, justamente mediante o reconhecimento dos diferentes complexos psíquicos (PIERI, 2002, P. 29).

5. CONCLUSÃO

Ao longo do século XX observamos um crescente interesse por parte de historiadores da ciência na compreensão da antiga alquimia nos diversos períodos em que ela se deu, assim como o papel que ela desempenhou em diversos debates ao longo do século XIX. Embora a alquimia como uma ciência e a antiga visão de cosmos renascentista tenham perdido espaço nos debates científicos a partir do século XVIII, eles nunca deixaram de ser um tema de interesse por parte de diversos grupos de estudiosos. Aspectos da alquimia influenciaram o trabalho de filósofos, artistas, cientistas e grupos espiritualistas durante todo o século XIX, que por sua vez influenciaram o surgimento da

moderna psicologia. Historiadores da ciência, na atualidade, vem chamam a atenção a de seus leitores para a importância da alquimia, do hermetismo, da magia natural na formação da ciência moderna. Dentro do campo da psicologia, a alquimia influenciou o surgimento das modernas teorias do inconsciente através do trabalho de filósofos, artistas e cientistas. Ainda, alguns psicólogos do final do século XIX e início do século XX também entraram em contato direto com livros e textos sobre a alquimia, articulando aspectos da alquimia a debates sobre a psicologia. Herbert Silberer, em 1914, escreveu o primeiro livro sobre a relação entre a psicologia do inconsciente e a alquimia, tendo usado imagens simbólicas da alquimia na interpretação de sonhos. Mas foi Carl Gustav Jung quem immortalizou, no início do século XX essa relação. Observamos que desde 1929, aproximadamente, Jung passou a se dedicar às principais questões da alquimia, dirigindo seus estudos, sobretudo, a ampliar a hipótese do inconsciente coletivo e discutir questões relacionadas à prática clínica. Ao longo de mais de quinze anos de pesquisa, o psiquiatra entrou em contato com a obra de psicólogos, historiadores da química e pesquisadores de outros campos, demonstrando um grande conhecimento de textos e tratados de várias épocas. Através do contato de Jung com a teoria e a simbologia alquímica, foram tecidos conceitos que se tornariam centrais na psicologia analítica, tais como o Self (Si-mesmo) e processo de individuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *Da Alquimia à Química: Um Estudo sobre a Passagem do Pensamento Mágico Vitalista ao Mecanicismo*. São Paulo: Landy, 2001

_____. *O que é História da Ciência*. 3ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001.

Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia
Florianópolis, Santa Catarina, 16 a 18 de novembro de 2016

- BARENTSEN, “Gord. Silent Partnerships: Schelling, Jung, and the Romantic Metasubject.” *Symposium: The Canadian Journal of Continental Philosophy* 19 (2015) (1):67-79.
- BELTRAN, M. H. R. *Imagens de Magia e Ciência: entre o Simbolismo e os Diagramas da Razão*. São Paulo: Educ, 2000.
- BRANN, N. L. “Alchemy and Melancholy in Medieval and Renaissance Thought: A Query into the Mystical Basis of their Relationship.” *Ambix* 32 (1985): 127-148.
- CALAZANS, D. *Alquimia, Sonhos e Imaginação: Uma Análise sobre a Repercussão das Ideias de Jung no Campo da História da Ciência*. São Paulo, 2012.
- CURA, K. “Die Alchemisten und das Gold. Echte und Falsche Alchemisten, ihre Laboratorien und Laboranten.” *Kultur & Technik* 3 (1998) p. 34-41.
- DEBUS, A. G. “The Significance of the History of Early Chemistry.” *Cahiers D’histoire Mondiale*, 11 (1965): 39-59.
- DOBBS, B. J. T. *The Foundations of Newton’s Alchemy: or the Hunting of the Greene Lyon*. 3ª reimpressão. New York: Cambridge University Press, 1992.
- ELIADE, M. *Ferreiros e Alquimistas*. Trad. Roberto Cortes Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FFYCHTE, Matt. *A Origem do Inconsciente: de Schelling a Freud: o nascimento da psique moderna*. Tradução Claudia Gerpe Duarte, Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2014.
- HOLMYARD, Eric J. *Alchemy*. New York: Dover, 1990.
- HOPCKE, R. H. *Guia para a Obra completa de C.G. Jung*. Trad. Edgar Orth e Reinaldo Orth. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JACOBI, J. *The Psychology of C. G. Jung: An Introduction with Illustrations*. Trad. Ralph Manheim. London: Routledge & Kegan Paul, 1980.

Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia
Florianópolis, Santa Catarina, 16 a 18 de novembro de 2016

- JANTZ, Harold. "Goethe, Faust, Alchemy, and Jung". *The German Quartely*. Vol. 35 (1962): 129-141.
- JUNG, C. G. *Aion: Estudos Sobre o Simbolismo do Si-Mesmo*. 7ª ed. Obras Completas de C. G. Jung. Vol IX/2. Trad. Pe. Dom Mateus R. Rocha. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *A Prática da Psicoterapia: Contribuições ao Problema da Psicoterapia e à Psicologia da Transferência*. Obras Completas de C.G. Jung. Vol XVI. Trad. Maria L. Appy. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *A Vida Simbólica: Escritos Diversos*. 2 tomos. Trad. Araceli E. Orth. Obras Completas de C. G. Jung. Vol XVIII/1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Cartas de C. G. Jung*. 2 vols. Ed. A. Jaffé & G. Adler. Trad. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. "Chegando ao Inconsciente." In *O Homem e seus Símbolos*, org. Carl Gustav Jung & Marie-Louise Von Franz, 19-103. 9ª ed. Trad. Maria L. Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Civilização em Transição*. 3ª ed. Obras Completas de C. G. Jung. Vol X/3. Trad. Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Freud e a Psicanálise*. Obras completas de C. G. Jung. Vol. IV. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *Estudos Alquímicos*. Obras completas de C. G. Jung. Vol. 13. Trad. Dora M. R. F. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Mysterium Coniunctionis: Pesquisas sobre a Separação e a Composição dos Opostos Psíquicos na Alquimia*. 4ª ed. 2 tomos. Obras Completas de C. G. Jung. Vol. XIV/1 e 2. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 5ª ed. Obras Completas de C. G. Jung. Vol. IX/1. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva, & Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Psicologia e Alquimia*. 3ª ed. Obras Completas de C.G. Jung. Vol. XIII. Trad. Dora M. R. F. da Silva & Maria L. Appy. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Símbolos da Transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*. Obras Completas de C. G Jung. Vol. V. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Tipos Psicológicos*. 2ª ed. Obras Completas de C. G. Jung. Vol. VI. Trad. Dora M. R. F. da Silva, & Maria L. Appy. Petrópolis: Vozes, 2008.

Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia
Florianópolis, Santa Catarina, 16 a 18 de novembro de 2016

- _____ “The Bologna enigma”. *Ambix* 2 (1946): 182-191.
- _____ & Aniela Jaffe, comp. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. 14ª ed. Trad. de Dora F. da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- _____ & Richard Wilhelm. *O Segredo da Flor de Ouro: Um Livro de Vida Chinês*. 12º Ed. Trad. Dora M. R. F. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARTIN, Jr., Luther H. “A history of the Psychological Interpretation of Alchemy.” *Ambix* 22 (1975): 10-20.
- MCGRATH, S. J. *The Dark Ground of the Spirit: Schelling and the Uncounscious*. New York: Routledge: 2012.
- MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C, coords. *C. G. Jung: Entrevistas e Encontros*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MERKUR, D. “The Study of Spiritual Alchemy: Mysticism, Gold-making and Hermeneutics.” *Ambix* 37 (1990): 35-34
- MULTHAULF, R. P. *The Origins of Chemistry*. London: Oldbourne, 1966.
- OBRIST, B. *Les Débuts de L’imagirie Alchimique (XIV – XV siècles)*. Paris: Éditions le Sycomore, 1982.
- PAGEL, Walter. “Jung’s View on Alchemy.” *Isis* 39 (1948): 44-48
- PIERI, Paolo F, coord. *Dicionário Junguiano*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus; Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- PRINCIPE, L. M.; NEWMAN W. “Some Problems with Historiography of Alchemy.” In *Secrets of the Nature: Astrology and Alchemy in Early Modern Europe*, Ed. Lawrence M. Principe & Anthony Grafton, 385-432. Massachusetts: Library of congress, 2001.
- READ, J. “Alchemy and Alchemists.” *Folklore* 44 (1933): 251-278.
- SHAMDASANI, S. *C. G. Jung: Uma Biografia em Livros*. Tradução de Gentil A. Titton. Editora Vozes: 2014.
- _____. *Jung e a Construção da Psicologia Moderna: O Sonho de uma Ciência*. Trad. Maria S. M. Netto. Aparecida: Idéias e Letras, 2005.

**Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia
Florianópolis, Santa Catarina, 16 a 18 de novembro de 2016**

- _____. “Memórias, Sonhos e Omissões.” <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/memorias.htm> (acessado em 30 de dezembro de 2010)
- _____. Preâmbulo para *O Livro Vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SHEPPARD, H. J. “Alchemy: Origin or Origen?” *Ambix* 17 (1970): 69-84.
- _____. “A Survey of Alchemical and Hermetic Symbolism.” *Ambix* 8 (1961): 35-41.
- _____. “The Ouroboros and the Unity of Matter in Alchemy. A Study in Origins.” *Ambix* 10 (1963): 83-96.
- _____. “The Redemption Theme and Hellenistic Alchemy.” *Ambix* 7 (1960): 42-46.
- SILBERER, H. *Hidden Symbolism of the Alchemy and the Occult Arts*. Trad. Smith E. Jelliffe. New York: Dover, 1971.
- STEIN, M. “Some reflections on the influence of Chinese thought on Jung and his psychological theory”. *Journal of analytical Psychology*, 50 (2005): 209-222.
- TAYLOR, F. S. *Los Alquimistas: Fundadores de la Química Moderna*. Trad. De Ángela Giral & Francisco Giral. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1957.
- TOOR, Kiran. *Coleridge’s Chrysopoetics: Alchemy, Authorship, and Imagination*: University of London: 2007.
- ZHU, C. J. “Analytical psychology and Daoist inner alchemy: a response to C. G. Jung’s ‘Commentary on the Secret of the Golden Flower’”. *Journal of analytical Psychology* 54 (2009): 493 – 511.